

havia constituído as únicas e principais fontes da fôrça, êsses "instrumentos sábios", êsses "divinos dispensadores de fôrça" cujo número, durante tôda a história da civilização, sempre fôra insuficiente para arrancar à Natureza o que era mais indispensável à vida.

Não basta ainda que a máquina substitua por alguns movimentos mecânicos as mãos da multidão. Ela que abarcou tôda a fôrça, tôda a habilidade e tôda a capacidade do homem, deixa de sobejo aos operários que ocupa apenas alguns manejos uniformes que se aprendem facilmente e depressa.

Ofícios que outrora exigiam a destreza dum mestre, uma prática e uma experiência de muitos anos, músculos vigorosos e dedos adestrados, podem, daí em diante, ser providos por homens sem preparo, até por mulheres fracas e por crianças. Ao passo que a capacidade profissional que outorgara seu valor ao homem hábil, capaz e robusto, se torna suscetível de ser substituída por alguns manejos simples, a remuneração que o operário recebe por seu trabalho baixa na mesma proporção.

Assim a multidão dos "supérfluos" que vivem nas suas tocas sujas, recebe agora refôrço das fileiras dos que, sem perder seu trabalho, perderam no entanto a maior parte do rendimento que tiveram até então. Porisso, a miséria também se estende aos ocupados que têm de labutar mais tempo e mais do que antes, sem conseguir, todavia, ganhar o bastante para poderem levar uma existência decente, digna dum homem. Essa miséria estende seu horrível império até sobre as mulheres e crianças.

Assim, mal começara a máquina a operar seus milagres e já o grande sonho encantado se transforma em pesadelo. A mesma máquina que espalha pelo mundo uma fartura de bens nunca antes encontrada, semeia também uma abundância de miséria que alcança sempre novos territórios, camadas sempre novas.

\* \* \*

"Vi-os; a fome os tinha reduzido a esqueletos mudos de desespêro"; é assim que lord Byron descreve as primeiras vítimas da nova calamidade, no único discurso parlamentar que pronunciou. Alguns decênios mais tarde, Carlyle, o antípoda intelectual de Byron, escreve que, em época alguma, a sorte da massa dêsses milhões de seres mudos jamais fôra tão completamente insuportável. "Não é a morte, nem mesmo o fato de morrer de fome que torna êsses homens tão miseráveis. Pois muitos morreram e todos nós temos de morrer e a última partida de cada um dá-se na carruagem ardente da dôr. Nisso reside o intolerável: viver infeliz, sem saber por quê; trabalhar rudemente e, não obstante, não ganhar nada; ter o coração confrangido e o corpo exausto e, a despeito disso, ficar abandonado e sem sustento".

O leader dos "cartistas" ingleses, F. E. O'Connor, acha a fórmula mais adequada para definir esta nova miséria quando diz que as máquinas da Inglaterra fiam e tecem para o mundo inteiro, ao passo que seu próprio povo anda nu e faminto.

Em qualquer outra parte do mundo onde se instalam máquinas, antolham-se-nos os mesmos quadros de miséria como na Inglaterra. Na Suíça, Jeremias Gotthelf encara pasmado de consternação o aumento da pobreza provocado pela industrialização: "Não tivemos guerra, não temos dívidas, nem Corte, não namoramos as coisas militares e, a despeito disso, a pobreza aumenta mais e mais. A própria pobreza passou a ser outra. Anteriormente, em cada povo existia ela como um altar-mor, sobre o qual o povo sacrificava, afim de mostrar a bondade do seu caráter. Diminuía ou aumentava na medida em que o senhor abria sua mão generosa. Agora, esta pobreza adquiriu uma vida própria; tornou-se uma planta parasitária que se alastra como a tinha no trevo. Como também cresce, diminue; tornou-se hereditária, contagiosa, uma chaga cancerosa na vida dos povos, um mal pestilencial próprio de nossa época".

Mal tinham as primeiras máquinas começado a funcionar na Índia, e já o vice-rei inglês informava a seu govêrno: "Os ossos dos tecelões de algodão branqueiam as planícies da Índia". Do mesmo modo, na China, milhões de operários, de camponeses e de rendeiros, que até então se tinham sustentado graças ao trabalho de suas mãos, se vêem arrastados pelas máquinas a morrer de fome.

Durante o século e meio que decorreu desde o início da era das máquinas, a técnica atingiu uma perfeição cada vez maior. As fôrças mais ocultas da natureza foram postas a serviço do homem; os aparelhos mecânicos mais engenhosos foram inventados. Fábricas de todo em todo tornadas automáticas produzem graças às linhas de montagem; e sempre novos operários, agricultores, camponeses, empregados vão ficando sem pão.

Já no princípio da era industrial, o economista ginebrense Sismondi profetizou que a evolução por último conduziria as coisas a tal ponto, que o rei da Inglaterra, graças à simples volta duma manivela, chegaria a produzir tôdas as mercadorias do seu reino, mas que, ao mesmo tempo, todos seus súbditos morreriam de fome por faltarem tôda e qualquer possibilidade de ganhar a vida!

De fato, esta profecia, na sua essência, parece que se vai realizando. E' verdade que, de vez em quando, novas necessidades provocam o aparecimento de novas indústrias, onde trabalhadores podem encontrar uma ocupação, e, em tais períodos, o número das mãos condenadas à inatividade baixa passageiramente. Porém, com o tempo, cada vez mais se evidencia que o número dos operários que se tornam supérfluos é superior ao dos novos empregos que se apresentam. Assim, tôdas as vezes em que, graças a descobertas ines-